

Sessão 3

Literatura Estrangeira e Comparada

015

RESGATANDO A HISTÓRIA NÃO-OFICIAL NA *PELE DO LEÃO*. Rubelise da Cunha, Eloína Prati dos Santos (Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS).

Apesar de possuir uma história de imigração, o Canadá reconhecia-se, até a primeira metade deste século, como um país dividido entre duas línguas e duas culturas, a francesa e a inglesa, excluindo de seu discurso dominante os povos nativos e as minorias étnicas, que vêm se somando ao seu vasto mosaico sócio-político. A mudança começou em 1970, mas o Ato em defesa do multiculturalismo, o Bill-C93, foi aprovado apenas em 1988. Como a tendência da literatura canadense das últimas décadas é mostrar essa diversidade do país sob muitos ângulos, deixando de constituir mera enumeração de etnias, raças, religiões e trabalhando a recusa ao reconhecimento de uma narrativa mestra, canônica, sua própria variedade aponta para uma inserção no pós-moderno. O outro ponto teórico de apoio importante é a poscolonialidade, que também questiona os discursos imperialistas, hegemônicos e patriarcais das narrativas oficiais. Em sua grande maioria, essa literatura faz uso da ironia como arma crítica que possibilita confrontar e ir além das questões do colonialismo, tendo como personagem principal uma figura periférica da sociedade: o *ex-cêntrico*. Em *Na pele do leão* (1987), o autor e imigrante canadense Michael Ondaatje (1943) resgata a história não-oficial da construção da cidade de Toronto, recuperando a voz e a participação do imigrante. Nessa ficção, ironicamente denominada “romance”, Ondaatje desafia as fronteiras de gênero ao utilizar documentos e artigos de jornais para “re-escrever” acontecimentos da época. A leitura da obra permite identificar a valorização da diversidade e o reconhecimento das formas literárias como padrões eurocênicos de discurso, passíveis de crítica, subversão e revisão. De uma forma criativa, que reinstala a ligação entre história e ficção e entre arte e vida, a literatura canadense contemporânea constitui, portanto, um discurso descolonizante e pedagogicamente anti-racista (CNPq-PIBIC/UFRGS).